

NGÔ-KON

Maracá ou chocalho dos Kayapó-Xikrin

Lux Vidal, Universidade de São Paulo



O objeto na sua concretude; forma e artefato; símbolo de vida e visão de mundo de um povo que nele depositou conhecimento e experiência milenar; escolha de matéria prima vegetal, técnicas apuradas, crenças, temores, sonhos e ideais.

O maracá, símbolo, entre muitos outros, da pessoa humana, da autoridade e da coesão social; esteticamente perfeito e assim reconhecido e apreciado, cantado e dançado.

Redondo como o universo, como as aldeias circulares, como o círculo dos homens sentados no Conselho, à noite, no meio do pátio, apontando, na sua verticalidade, para o céu, morada dos antigos em tempos primordiais e morada das aves, criadas e invejadas pela humanidade terrestre.

Instrumento de percussão, suave ou forte no acompanhamento dos cantos masculinos.

Propriedade da casa materna e carregado pelas mães, em ocasiões rituais, um privilégio e uma prerrogativa hereditária.



Lux Vidal, 2000



Padre Caron, 1968



Gustaaf Verswijver, 1980

O maracá é fabricado com uma coité ou cabaça, da árvore cuieira¹, sustentada por um cabo de madeira nela inserido, grosso na sua base e mais fino na ponta superior. A amarração é feita com algodão nativo. A coité é esvaziada com cuidado de sua polpa e no seu interior colocam-se pequenas sementes ou pedrinhas. Pequenas aberturas alinhadas na superfície da coité proporcionam a afinação do instrumento.

A cuieira é encontrada no mato, em lugares conhecidos dos índios, marcos importantes em suas andanças pela floresta. Às vezes trazem as sementes para a aldeia e plantam a pequena árvore atrás das casas, alvo dos maiores cuidados por parte de seu dono. O maracá é fabricado somente pelos homens adultos, artesãos qualificados.

Antes de mais nada, o maracá é um instrumento musical que acompanha o canto e a dança cotidiana e ritual, da coletividade masculina adulta. Em ocasiões cerimoniais as mulheres também o usam.

O maracá, como os outros artefatos Xikrin, possui dono e pertence a uma casa, de descendência matrilinear, especialmente definida no círculo de casas da aldeia. Geralmente os maracás encontram-se aos pares, são dois, refletindo a ideologia dual das sociedades jê².



Francisco Paes, 2000

¹ família das bignoniáceas (*crescencia cujete*)

² Os Jê constituem um conjunto de povos da mesma família lingüística, habitantes do Brasil Central.



Lux Vidal, 1974

O maracá é o sinal distintivo dos *ngô-kon-bori*³, os chefes de classes de idade, chamados de *ngôkonbori-nu*, jovens iniciados e *ngôkonbori-tum*, velhos, ex-donos do maracá. Os novos chefes iniciados estão relacionados ao que há de mais sagrado: o maracá e o centro do pátio da aldeia, símbolo do centro do mundo, onde os índios sentam à noite.

Os jovens iniciados que receberam, por mérito, o *ngôkon*, tornam-se líderes de sua categoria de idade e chefes "de turma" em potencial. Os índios dizem que para ser *ngôkonbori* "tem que ser pessoa direita e boa" e deverá saber corresponder aos valores reconhecidos como ideais para um homem desempenhar suas atividades com responsabilidade e entusiasmo, ser solícito e possuidor de qualidades físicas e psicológicas que o predisponham a assumir esta função. O dono do maracá é antes de tudo um exemplo para os outros; ele é aquele que os outros aceitam "seguir", devendo ser capaz de se entender com os outros *ngôkonbori* para poder coordenar as atividades.



Desenho de menino Xikrin, realizado na escola, representando os dois *ngôkonbori* segurando maracás.
Coletado por Clarice Cohn.



Ngôkonbori conduzindo uma dança com seu maracá.
Foto Lux Vidal, 1974

³ *ngôkon*: coités; *bori*: toco da cuireira.

Este tipo de liderança, entretanto, não se confunde com outra prerrogativa da chefia e liderança, o *beniadjure*, o chefe que possui o *ben*, a fala cerimonial em tom de falsete, específico da oratória masculina.

Durante as expedições nômades, as funções dos *ngôkonbori* ficam mais aparentes. Dois jovens líderes partem com seus maracás, cedo de manhã para abrir o caminho. Chegando ao local onde será montado o primeiro acampamento, na floresta, eles penduram os maracás em uma árvore e vão abrindo e desmatando um espaço circular, ficando os maracás bem no meio do novo assentamento.

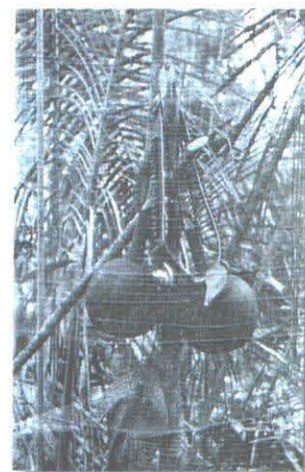


Foto Lux Vidal, 1971

Por ocasião de uma pescaria com timbó, os *ngôkonbori*, são os primeiros a entrar na água e quando os jovens retornam de uma expedição de caça, serão os primeiros a entrar na aldeia, sempre com seus maracás.



Antes de um ritual, o maracá é pintado com urucum e carvão e deitado numa folha de bananeira na frente da casa dos homens para secar.

Foto Gustaaf Verswijver, 1980

O maracá simboliza ainda uma cabeça, uma relação explícita com a parte mais importante do corpo humano, ele mesmo um artefato. Por ocasião de um ritual, os *ngôkonbori* ornamentam seus maracás com penugem branca de uruburei e, no final da cerimônia, passam urucum sobre esta penugem, exatamente como fazem com a cabeça daqueles que participam da performance ritual.

Por ser um objeto tão significativo, o maracá é também muito vulnerável. Existe uma relação muito estreita entre o maracá e seu possuidor: maus tratos ou descuidos com o maracá poderão levar à doença ou mesmo à morte.

Esta possibilidade foi-me relatada do seguinte modo: *Kongore* contou-me certa vez o caso da morte de *Tekore*, um jovem que se afogou numa cachoeira em 1968. Antes de casar, *Tekore* havia sido *ngôkonbori* e possuía o maracá, símbolo distintivo de sua função. Um dia, ao acordar, percebeu que seu maracá estava no chão. Ele perguntou: "Quem foi? Quem botou o meu maracá no chão?" Todos responderam negativamente. Então só poderia ter sido o seu *mekarõn*, espírito, alma, que pode se desprender de seu corpo de noite. *Kongore* me disse: "Foi por isso que ele morreu; é preciso muita atenção com o maracá, o maracá é como uma criança pequena".



Francisco Paes, 2000